

Ficção e representação da república nas américas: Veríssimo e Naipaul*

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
Universidade Católica de Goiás

Resumo

Esta abordagem toma por base a tematização ficcional das relações de poder na América Latina e Centro América em *O senhor embaixador* (1965) de Érico Veríssimo e *Os mímicos* (1987) de Naipaul. Referencia as relações entre história e ficção a partir dos personagens e fatores que constroem o processo político de consolidação das instituições republicanas do chamado Terceiro Mundo, convulsionado por golpes e ditaduras ao longo do século XX.

A partir dessas narrativas pontua-se numa perspectiva comparativa a relação ficção e história, como produção particular de sentidos, que implica determinada intervenção dos autores na matéria social de seu tempo, encenada nesses romances.

Palavras chaves: Literatura - Narrativa - Representação - Érico Veríssimo - Naipaul

Resumen

Este abordaje toma por base la tematización ficcional de las relaciones de poder en América Latina y Centro América en *O senhor embaixador* (1965) de Érico Veríssimo y *Os mímicos* (1987) de Naipaul. Ambas obras muestran las relaciones entre historia e ficción a partir de los personajes y factores que construyen

* Artigo recebido para publicação em setembro de 2004

el proceso político de consolidación de las instituciones republicanas del llamado Tercer Mundo, convulsionado por golpes y dictaduras a lo largo del siglo XX.

A partir de esas narrativas se perfila en una perspectiva comparativa la relación ficción/historia, como producción particular de sentidos, que implica determinada intervención de los autores en la materia social de su tiempo, escenificada en esas novelas.

Palabras claves: Literatura - Narrativa - Representación - Érico Veríssimo - Naipaul

Abstract

This approach is based on the fictional theme of power relationships in Latin and Central Americas in *The senior ambassador* (1965) by Érico Veríssimo and *The mimics* (1987) by Naipaul. It refers the relations between History and fiction from the characters and facts that build the political process of consolidation of republican institutions, in the so called Third World, convulsed by coupes d'Etat and dictatorial governments through 20th century.

From these narratives, in a comparative perspective is pointed the relation between fiction and history, as a peculiar production of meanings, which implies a certain intervention of the authors in the social material of their time, showed in these novels.

Key Words: Literature - Narrative - Representation - Érico Veríssimo - Naipaul

Nossas utopias e nossas certezas desapareceram. Nossas esperanças, se não desvaneceram, permanecem encolhidas, suspensas num não lugar, quase anônimo. Por não sermos mais os mesmos, resta ainda um grande caminho de recuperação, de retorno do passado, fazendo as perguntas que não fizemos, aguçando nossa curiosidade e nossos ouvidos para as vozes que deixamos surdas, procurando encontrar o lugar onde a trilha se bifurcou e nós nos perdemos.

Nilo Odália, 1997

A Literatura constitui, do ponto de vista da História, um modo de registro da memória e pode manifestar-se em formas altamente elaboradas e portanto opacas e refratárias no discurso da História, pode, em outros casos, resultar altamente significativa para a compreensão mais profunda de uma determinada fase da História.

A relação entre História e Literatura, por um longo tempo exercida apenas pelo romancista e que por questões de caráter teórico e metodológico fora negligenciada pelo historiador, deixa em aberto a retomada deste diálogo, posto que, enquanto possibilidade de representação de uma época, a narrativa literária pode revelar o que não sabemos além daquilo que está registrado na história oficial.

Esta abertura da História ao tempo descontínuo, ao imaginário, o fugaz, o imediato, o individual e irracionaisismos, permite a multiplicidade de possibilidades de verdades e, se por um lado superam os paradigmas racionalistas da produção do conhecimento por outro, remetem a uma questão paradoxal: afinal, de quem é a verdade? História de quem?

Hutcheon aponta uma saída quando diz que

a ficção pós moderna não aspira a contar a verdade tanto quanto aspira a perguntar de quem é a verdade que se conta. Menos do que associar essa verdade a pretensões de legitimação empírica, ela contesta o fundamento de qualquer pretensão de possuir essa legitimação. Como pode o historiador (ou mesmo o romancista) verificar qualquer relato histórico por comparação com a realidade empírica do passado, a fim de testar a validade desse relato? Os fatos não são preexistentes, e sim construídos pelos tipos de perguntas que fazemos aos acontecimentos (HUTCHEON, 1991, p. 162).

Em Veyne (1987, p. 87) a saída está na possibilidade do historiador dar à realidade o seu equivalente conceitual, pois,

reconhece que a fronteira entre o historiador e o romancista, embora ambos façam narrativas, é o exercício da análise.

O caso dos autores aqui selecionados Veríssimo *O senhor embaixador* e Naipaul *Os mímicos* permitem trabalhar a hipótese de reescrita da história das representações políticas no tempo presente. Ao privilegiarem o recorte do político em suas narrativas remetem o leitor a reflexões sobre a questão da fragilidade das Instituições democráticas das Repúblicas na América Latina e Centro América.

Em relação a esta abordagem numa perspectiva política é pertinente trazer o depoimento de Érico Veríssimo que certa vez afirmou,

como é possível desenvolver, fazer viver um preciso personagem, um grupo social, fora do tempo e da História? [...] É preciso não esquecer que História não é sinônimo perfeito de política ou que política não pode ou deve ser sempre partidária. No meu caso particular, tenho sido naturalmente levado em minhas ficções para problemas políticos que vivi, em geral, como espectador (VERÍSSIMO apud BORDINI, 2001, p. 14).

A questão básica que aqui se propõe é reabrir o velho tema da desordem das instituições políticas das repúblicas nas Américas. Parte do pressuposto que a reescrita ou representação do passado pela interface História e Literatura, é uma possibilidade “de revelá-lo ao presente e impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (HUTCHEON, 1991, p. 147).

Sobre estas possibilidades de reescrita do passado Carr sentencia:

pode-se, quando se quer, transformar a história em teologia, fazendo o significado do passado depender de algum poder extra-histórico e supra-racional. Pode-se, quando se quer, transformá-la em literatura_ uma coletânea sem significado ou sem sentido de histórias e lendas sobre o passado. A história propriamente dita só pode ser escrita por aqueles que

encontram e aceitam um sentido de direção na própria história. A convicção de que viemos de algum lugar está vinculada de perto à convicção de que estamos indo para algum lugar. Nada é mais radicalmente falso do que colocar algum padrão supostamente abstrato do desejável e condenar o passado à luz dele (CARR, 1987, p. 147).

Quando se propõe esta leitura histórica numa perspectiva comparativa dos romances ficção *O senhor embaixador* e *Os mímicos*, torna-se necessário localizar algumas questões: considerando os personagens, os fatos e o tempo da narrativa, qual o compromisso ideológico dos autores com as tendências políticas de seu tempo? Se o discurso ficcional é uma possibilidade de intervenção particular do autor/narrador na matéria social de seu tempo, para onde essa intervenção aponta?

A publicação do *O senhor embaixador* data de 1965, momento internacional de disputa das fronteiras econômicas e ideológicas dos blocos socialista e capitalista com intervenção armada quer americana ou russa em todos os continentes, dentre estas a Guerra da Vietnã (1954-1975) e interferências na América dita “latina” e Caribe, apoiando golpes, contra golpes, sustentando a sucessão de ditaduras que duraram incontestemente, no caso do Brasil até 1982.

Em circunstância histórica como esta a relação do autor com sua época “não pode estar baseada exclusivamente na literatura, desde que o próprio crítico é externo à literatura e traz com ele elementos de outras esferas” (CARR, 1987, p. 25).

Os autores em questão Veríssimo e Naipaul ao retratarem as ambições e contradições humanas em seus romances pontuam alguns questionamentos: a indignidade da práxis política no novo mundo - que requer uma certa ordem e que é impossível sem a estabilidade institucional - da liberdade de pensamento, de expressão ideológica e não com os partidos políticos. Ambos vêm com desconfiança as convicções partidárias das elites políticas

contemporâneas, pois, a lealdade às suas convicções partidárias é uma farsa e dura enquanto não assumem o poder.

Há exceções a essa decantada desordem das instituições políticas nas Repúblicas da América “colonial”, é o caso de Costa Rica como reconhece Mackenbach:

Até hoje, na percepção externa da cultura e literatura costarriquenhas, tem prevalecido uma imagem dominada pela falta de um exotismo caribenho que em outros casos tem sido a marca registrada no mercado cultural internacional. Não é por acaso que, não só entre os seus vizinhos, o pequeno país tropical ainda hoje seja considerado como a “Suíça centro americana”, e que na sua idiosincrasia prevaleçam os padrões brancos / europeus. De qualquer forma, é verdade que na sua história faltam, quase por completo, as convulsões tão típicas dos outros estados do istmo: guerras e guerras civis, golpes militares e revoluções, lutas armadas e insurreições (MACKENBACH, 2003, p. 3).

Os problemas políticos que Veríssimo viveu como expectador são retratados na escrita de *O senhor embaixador*, neste romance político a ficção permite ao autor uma intervenção na matéria social de seu tempo, e a liberdade de retratar a representação política de uma época que no texto pode parecer absurda, esdrúxula, como se pudesse ter existência apenas no universo ficcional, entretanto, seus personagens e diálogos expressam a trajetória política de países latino e centro americanos num período de redefinição do pacto sócio político das elites nacionais e do projeto de República legitimado nas décadas de 50 e 60 e que prossegue até os anos 80 em alguns desses países, inclusive o Brasil.

Trabalhando com a problemática política da república centro americana caracterizada como epifenômeno do modelo patriarcal/oligárquico apoiada internamente pelos militares e externamente pelo capital norte-americano, *O senhor embaixador* aponta as tensões e contradições de uma época histórica que a princípio pode até parecer uma comédia satírica para o olhar do outro “civilizado”

que acaba explodindo mais para tragédia do que como farsa para o continente latino e centro-americano. Caso da crise recente na Venezuela, fato revelador que traz a questão da peculiaridade e instabilidade da representação democrática nas américas e da incapacidade da sociedade civil em organizar-se politicamente para impedir que as crises do Estado Nacional tenham como sujeito de decisão os generais. Um dos desdobramentos imediatos desse episódio é a reavaliação das análises históricas quanto as conquistas e garantias, pelo menos, do estado de direito na conjuntura atual do continente latino e centro americano.

A leitura de Érico Veríssimo faz-se muito oportuna no momento político atual pois, os riscos e ameaças à estabilidade das instituições democráticas do Estado/Nação na atual conjuntura podem não ser apenas um caso isolado, mas a tendência de um continente ante o recrudescimento de suas crises sócio econômicas. No caso do Brasil, até que ponto o Movimento dos Sem Terra (MST) pode ser ignorado enquanto força política e portanto, em condições de confronto direto com o estado de direito que assegura a propriedade da terra sem levar em consideração uma revisão social desse conceito? Os desdobramentos desse movimento, que aparentemente é transgressor, que ainda está sob controle, é uma incógnita. O confronto está aberto.

Tomando as palavras de Dofman (2001, p. 10) “a sátira é uma transgressão constante a todas as histórias oficiais... Para mim é necessário transgredir todas as direções. Como escritor tenho que estar livre até para criticar os movimentos sociais”.

É fácil perceber na estrutura do romance *O senhor embaixador* este sentido de transgressão e liberdade do autor de criticar no continente latino e centro americano as elites políticas, seus golpes e contra golpes para perpetuar-se no poder, a divisão entre a Igreja tradicional e da opção pelos pobres - da teologia da libertação - as contradições da esquerda, que ao instalar a ditadura comete as mesmas tragédias da direita conservadora.

Ao criar seus personagens, sujeitos de um espaço e tempo históricos, quais as transgressões que estes denunciam?

Corrupção, violência e fabricação de golpes com apoio norte americano é a representação da práxis política das repúblicas latinas como mostra o personagem Gabriel Heliodoro Alvarado, o embaixador da República de Sacramento. Este encarna o bem e o mal, as contradições e os valores morais de homens de bem da sociedade, a fé católica, a família, a virilidade e o gosto pelos prazeres da carne e a relação isenta de culpa com o corpo e com a sexualidade extraconjugal, a fidelidade às próprias convicções e dentre esta a revelação que faz a Michel, seu mordomo refinado e de sexualidade duvidosa, quando em um de seus diálogos Heliodoro diz “Verdade? Mas que é a verdade? Escreva o livro com paixão homem! Porque a paixão é a verdade de cada um de nós”(VERÍSSIMO, 1987, p. 39) enfim, um tipo mestiço que revela sua origem indígena no gosto pela montanha, ar livre, o horror ao protocolo, e filho de prostituta que nunca soube sua origem paterna, seduz pela aparência física, pela retórica, a paixão pela vida e pelo seu gesto heróico no seu passado de guerrilha, tanto os seus colaboradores da embaixada quanto o próprio leitor.

Veríssimo prossegue o percurso de sua narrativa pontuando os limites da nossa democracia liberal em situações que remetem o/a leitor/a a perguntas sobre a postura política do intelectual em não engajar-se abertamente nas questões decisivas de seu tempo. Acusa também os intelectuais que eternamente estão na oposição por oportunismo político e não por convicção ideológica. Revela ainda a relação dos intelectuais com o poder, que no caso do Brasil é a ocupação de altos cargos na representação federal, estadual ou assessorias administrativas de ministérios e secretarias. Uma práxis política típica dos intelectuais no Brasil, segundo observou Eric Hobsbawm. Aponta ainda os desdobramentos sociais das cultura da impunidade e da cordialidade do brasileiro, que se são deformações de uma cultura tem historicamente em Sérgio Buarque de Holanda suas razões: “Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições, nossa visão de mundo, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 1989, p. 15).

Em Naipaul os “políticos coloniais”(esta expressão aparece algumas vezes no terceiro capítulo de *Os mímicos*) são inaptos para a concretização de seus projetos, pois sua origem social: grandes proprietários, comerciantes, das classes mais humildes e neste caso a inaptidão, torna-se mais dramática do ponto de vista social, pois, trazem o sentimento de rancor, do confronto de classes e uma vez no poder cometem e acentuam os equívocos da luxúria, arrogância, apego ao cargo e privilégios. Todos os vícios que antes pertenciam aos outros são legitimados pelo discurso populista. Se antes, a elite política “conservadora” não compunha um pacto social com o povo, agora este pacto é o elemento novo e o mais grave, a grande fraude.

A narrativa de Naipaul é provocativa, na fala do personagem Ralph Singh, ex-ministro da fictícia ilha de Isabella reavalia seus erros e acertos na sua curta experiência de político colonial dessa obscura república do Caribe. Sua visão do poder é pessimista e desencantada, pois, não vê nenhuma possibilidade imediata do estabelecimento de um mínimo de ordem para que se resgate a dignidade do político nas repúblicas do novo mundo. Seu desencanto pode ser pontuado ao longo do seu percurso narrativo, para quem dependendo do lugar onde se nasce já é uma sentença, como nesta passagem: “Nascer numa ilha como Isabella, numa obscura colônia do Novo Mundo, bárbara e de Segunda mão, era nascer na desordem...” (NAIPAUL, 2001, p. 148).

Esse sentimento de ser desterrado no próprio país não é novidade na literatura, mas em Naipaul remete o leitor a refletir sobre esta insistência em sermos os mesmos, em nos repetirmos ao longo do processo histórico de formação e consolidação do estado/nação nas Américas. Uma acomodação que incomoda pois, não indica possibilidade de redefinição do pacto político que vislumbre uma nova ordem. Esta palavra, ordem, aparece com obsessão, o que indica a negação do autor em aceitar uma lógica de ordem construída nas Américas que é excludente, racista, sexista, corrupta, dependente e repetitiva. Assim,

Nós em nossa ilha, manuseando livros publicados no mundo exterior e usando seus produtos, tínhamos sido abandonados e esquecidos. Fazíamos de conta que existíamos de verdade, que aprendíamos, que nos preparávamos para a vida, nós, os mímicos do Novo Mundo, de um cantinho desconhecido deste mundo, com todos os sinais da corrupção que tão depressa se instaurara no novo (NAIPAUL, 2001, p. 184).

A origem dessa repetição tem sua razão histórica, como deixa entender o autor na seguinte passagem: “ Os escravos chegam da África; estão satisfeitos por se verem em terra firme novamente; dançam e cantam; desejam ser comprados o mais depressa possível. Toda a cena era realizada em mímica, por assim dizer, e como se vista a distância” (NAIPAUL, 2001, p. 98).

A mímica dos cantos e danças dos africanos ao chegarem nas Américas, como referiu Naipaul tem um sentido salvífico, pois, repetem a própria África, para se reconhecerem os mesmos e não se perderem, em terra a princípio estrangeira. Neste gesto, sabem porque e por quem dançam e cantam, numa celebração de ritos e ritmos que evocam sua ancestralidade, suas raízes e assim, encontram o “seu nível” nas américas, que seria sua nova casa.

Nesses gestos mímicos dos africanos está o começo da salvação daquilo que se concebe como originalidade de uma cultura, eles a trazem e a plantam no novo continente, como escravos. Por isso, esta “repetição” pode ser o elemento de resistência da cultura negra que desqualifica todas as teorias racistas, que insistiram no embranquecimento do continente americano, no reconhecimento da superioridade do branco neste entrecruzamento inter-racial e cultural. No caso do Brasil, Varnhagem, Oliveira Viana e mesmo Gilberto Freire, em suas abordagens sobre a formação do estado/nação e da cultura brasileira, por mais que reconhecessem na predominância dos traços brancos europeus a responsabilidade de civilização do Brasil, não é difícil perceber nos dias atuais que as vozes africanas insistem em se repetir, em se perpetuar na originalidade de velhos e novos ritmos de cantos e danças carregados de sentimentalidade de

uma África perdida, em todos os recantos das Américas, onde os negros foram escravizados.

Para quem chega 500 anos depois, este olhar, em depoimento de um imigrante italiano, revela a angústia que é comum àqueles/àquelas que se reconhecem nas terras do novo continente americano:

Imigrar tem suas vantagens: a gente muda de cultura, de língua, de neurose. Mas isso produz em nós uma divisão que não sara nunca. Todos os americanos de norte a sul, são desterrados. A saudade é o grande afeto local. Não estou falando da saudade dos amigos, dos tios, da avó. Falo de algo mais, do fato de que é sempre mais simples pertencer a um lugar só. Os brasileiros que imigram para os EUA acabam voltando, indo de novo, entram numa penduralidade que não acaba nunca. Estão constantemente na saudade do perdido.

Uma vez que se tenha saído da Itália e fugido de casa, talvez só pudesse encontrar minha casa nas Américas. Porque é um lugar onde a dor do perdido é parte do lote de todos. Somos todos filhos de imigrantes. A herança daquela dor é comum a todos os americanos. Aí, me sinto em casa. (CALLIGARIS, 2003, p. 16).

No caso do narrador de *Os mímicos* sua angústia parece ter saído em imigrar mais uma vez para Londres, fazer da rotina de um hotel o cotidiano de sua casa para, finalmente encontrar na escrita sua ordem interna, pois sente neste exercício estar “fazendo uma confissão, realizando um ato de expiação” (NAIPAUL, 2001, p. 239). Ato que lhe revela novas verdades, como esta: a sociedade pacífica tem suas crueldades. Depois que um homem é destituído de suas dignidades, ele é obrigado não a morrer ou fugir, mas a encontrar o seu nível (NAIPAUL, 2001, p.10).

Nenhuma cultura está impune ao seu passado. Portanto, é pertinente esta reflexão de Odália,

Estamos condenados a esbarrar com formas miméticas de agir e pensar, as quais, se levadas ao extremo de suas conseqüências,

justificariam um ceticismo quanto à possibilidade de se alcançar o mínimo de autonomia, requerido para se poder falar em um pensar brasileiro e prossegue: No universal que todos buscamos, a singularidade da experiência brasileira é o elemento central. Pensá-la, mesmo quando esse ato possa ser fruto de uma violência, é um dado salutar e necessário (ODÁLIA, 1997, p. 14).

Bibliografia

- BORDINI, Maria da G. *Érico Veríssimo: cultura e ideologia nos anos 70*. In: <<http://www.unicamp.br/iel/histlist/mgbordini.html>>. Acesso: 21.11. 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. “Fala que eu te Escuto”. In: *Revista voe Gol*. São Paulo: N. 16, julho de 2003, p. 39.
- CARR, E. H. *O que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DORFMAN, Ariel. “A força da Ironia”. *Revista Isto é*. São Paulo: 07.03.200, p. 10.
- HOBBSAWM, Eric. Entrevista. *Globo news TV*, 22.04.2001.
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: História, Teoria, Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MACKENBACH, Werner. “Representações do Caribe na narrativa centro-americana contemporânea - Entre uma perspectiva exterior e uma perspectiva interior”. In: *Revista Fragmentos de Cultura*. Goiânia, V. 13 (especial), N. 7, UCG, 2003.
- NAIPAUL, V. S. *Os mímicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo*. São Paulo: Unesp, 1997.
- VERÍSSIMO, Érico. *O senhor embaixador*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1987.